

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

O pecado da negritude

Quando a cortina se abre, o palco, com uma cenografia (de Wanderlei Wagner) praticamente minimalista, apresenta um grande círculo formado por montes de livros usados. Ele ocupa o centro do palco. São livros velhos, aparentemente, talvez lixo. Mas sob este emaranhado desordenado de livros, surgem os quatro intérpretes do Coletivo Ocutá, Alexandre Ammano, Bruno Rocha, Marcos Oli e Vitor Britto. Britto, ao lado da socióloga, atriz e diretora Beatriz Barros, que assina a dramaturgia que transformou o romance de Jeferson Tenório, *O avesso da pele*, num contundente, emocionante e inesquecível espetáculo de teatro.

O livro de Tenório tem experimentado duas sortes contrastantes: odiado e proibido por alguns, inclusive em escolas de segundo grau; ovacionado e premiado por outros, que chegam a ir ao teatro para assistir ao espetáculo ou se detiveram, sem preconceitos, a ler o texto do escritor paulista, radicado em Porto Alegre.

Em 1944, fugido da polícia política do Estado Novo de Getúlio Vargas, o escritor capixaba, então residente no Rio Grande do Sul, Ivan Pedro de Martins, estreava na literatura com o romance *Frenteira agreste*. O livro, logo depois, seria proibido sob a acusação de pornografia. Do que ele tratava, efetivamente? Da transformação da estância sul-rio-grandense na fazenda, graças à chegada do capitalismo industrial e comercial ao país. Mas quem proibia não queria referir o verdadeiro motivo do temor. O mesmo ocorre, agora, com o livro de Jeferson Tenório. Não querem assumir que é o problema da violência contra os pobres, o ódio à cultura – o personagem assassinado pela polícia é um professor de literatura de uma escola pública – ou o racismo estrutural que caracteriza nosso país e nossa história.

O texto de Tenório é todo escrito na primeira pessoa: é o órfão Pedro que, após o assassinato do pai Henrique, para tentar entender exatamente o que aconteceu, vai visitar o apartamento do pai e ali reconstitui o passado – as raízes do morto e, por extensão, suas próprias raízes. Daí que, na transposição ao teatro, a dramaturgia criada por Britto e Barros, sensivelmente, inicia com os personagens soterrados pelos livros. É preciso revelar o

“avesso da pele” do título da narrativa e, para isso, há que se ir para além do que os livros – a versão oficial – conta. É de dentro daqueles livros, mas pelo avesso, que um outro livro vai revelar uma outra história. Por isso também, o elenco do Coletivo Ocutá, inteiramente formado por atores negros, na dramaturgia criada, não vive um único personagem cada: a história de Pedro e de Henrique não é uma história individualizada sobre a morte, pela polícia, do professor de literatura de uma escola pública de periferia, que voltava à noite para casa, depois de esforçar-se dramaticamente para conquistar seus alunos para a literatura. A morte não é casual: ela resulta de um processo pré-escrito, o preconceito racial estrutural que, infelizmente, existe, sobrevive e vitima sobretudo negros, sobretudo pobres, ainda que os agentes desta violência sejam, eles mesmos, pobres e negros – mas vestindo uma farda ou portando um distintivo que, de certo modo, lhes dá licença de matar. Então, todos os atores vivem indistintamente o professor Henrique, assassinado, e o jovem Pedro, que busca entender o que ocorreu e, conseqüentemente, dá-se conta de que precisa descobrir e interpretar a sua própria origem: o avesso de sua pele negra, então, não é mais o branco preconceituoso, mas o vermelho do sangue do assassinato, elemento simbólico também fortemente presente na encenação, graças à iluminação cenográfica, de Gabriel Souza.

Os atores são jovens negros do grupo Ocutá que, ao escolher o nome do agrupamento, deixou claro seus objetivos: okutá é uma pedra sagrada que representa a essência, a força da terra (raiz) e a ancestralidade. Ficar raízes, preservar potências e ressignificar narrativas são as metas do grupo. O resultado é um espetáculo denso, forte, pesado, mas que está radicalmente distante de um discurso teórico militante. Pelo contrário, a dramaturgia desenvolvida, com a preparação corporal de Castilho e a preparação vocal de Malú Lomando, completada pelos figurinos de Naya Violeta, fazem com que *O avesso da pele* se torne uma celebração dramática, um espetáculo que tem até comicidade, mas muito de brasilidade e profunda e imensa dor daqueles personagens cuja única falta é serem pobres e negros.

acontece



Edição 2026 terá Pata de Elefante, Amanda Gabana, Renato Borghetti e Pepa Diaz, entre outros

Morrostock anuncia nomes para edição deste ano, que terá shows em dezembro

O Festival Morrostock anunciou, nesta semana, o *line-up* e os detalhes sobre os shows que ocorrerão de 10 a 13 de dezembro no Balneário Ouro Verde, em Santa Maria. Com o propósito de dar visibilidade à música produzida por aqui, a programação desta edição tem como destaque Pata de Elefante, Amanda Gabana e Quem é você Alice?, além dos convidados Renato Borghetti, Tum Toin Foin, Zudizilla, a argentina Pepa Diaz e a paraguaia Sandía. O Morrostock já está com as vendas de ingresso abertas, através da plataforma Sympla, por valores a partir de R\$ 90,00.

A edição deste ano dá continuidade à reconstrução da cadeia cultural afetada pelas enchentes de 2024. Em 2025, com o projeto Reconstruir RS Parte I, fortaleceu a cadeia produtiva dos grupos gaúchos e trouxe curadores e produtores de festivais brasileiros e do Cone Sul, fomentando a circulação de artistas por todo o Brasil. Nesta nova jornada, amplia esta ação, com o Morrostock – Reconstruir RS Parte II, reunindo nomes consagrados da música a novidades e bandas emergentes, em uma programação representativa e mais uma vez com a presença de curadores, produtores e estudiosos da cena musical do Brasil e América do Sul.

O festival, que entrou definitivamente para o calendário de eventos oficiais do RS e de Santa Maria, vem com o propósito de dar visibilidade à música produzida por aqui, costurando relações entre bandas gaúchas e grupos internacionais e de outros Estados. No Morrostock 2026, teremos Renato Borghetti, um dos nomes mais expressivos da música regional do sul do Brasil, e Valéria Barcellos, no show *Missioneira*, cantando clássicos do cancionário gaúcho num show formado só por musicistas mulheres.

Tum Toin Foin também sobe ao palco, reunindo o maestro Arthur de Faria com um time de músicos. Marietti Fialho, acompanhada pela banda Os Viajantes

da Terra e por Paulo Dionísio, representa a voz do reggae do sul do Brasil. O rap porto-alegrense fica por conta de Da Guedes, já o rap com sotaque pelotense sobe ao palco com o premiado Zudizilla.

MC Leti e Rima das Minas, ecoam a voz do movimento de mulheres negras, que também será amplificada com o show Ialodê, reunindo quatro vozes fundamentais do sul: Loma, Marietti Fialho, Glau Barros e Nina Fola. Também se faz presente o rezo e a paz da Camomila Chá, que esteve na Vila Equilibrium da Anitta, recentemente.

Outros sotaques do nosso Brasil também se fazem presentes, como o amazonense Djuna Tikuna, uma das vozes indígenas da programação que, ao lado da Guaviraty Porã, de Santa Maria, compõem a programação. Não ficam de fora da festa Raidol, cantora paraense trans que vem ganhando destaque em todo o Brasil, e Asfixia Social, de São Paulo, com seu *crossover* hardcore hip hop reggae. E mais: uma amostra representativa da música latina, com Entre Rulos (Chile), Juan Marino (Uruguai), Pepa Diaz (Argentina) e Sandía (Paraguai).

No horizonte do Morrostock e da equipe que produz esse importante festival brasileiro estão a coletividade, a difusão e a democratização. Por isso, a cada edição, é lançado um edital em que bandas de diferentes partes do RS podem se inscrever, resultando na seleção de grupos e artistas autorais que são destaque na grade de shows. Na seleção do edital de bandas, entraram atrações que conversam com muitos estilos, desde os ritmos do Prata, o candombe, passando pela viagem instrumental, o pop, rock e toda a diversidade de sons e referências. São elas: Amanda Gabana, Doce Creolina, Camila Balbueno e Jalile, Emely Polli, Gabro Demais, Kika Simone, La Brasa Lunera, Lo Que Te Voy A Decir, Pata de Elefante, Quarto Sensorial, Quem é Você, Alice? e Vagnetreta.